



A Despedida do Sistema Analógico: a Implantação da TV Digital e as Mudanças no Processo de Produção de Notícias¹

Luciellen Souza LIMA²

Ana Maria de Sousa PEREIRA³

Sandra MOURA⁴

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

Adaptar o processo de produção de notícias para a TV Digital é um desafio eminente e inevitável para os profissionais que há anos trabalham com o analógico. No Brasil o prazo limite dado pelo governo para que as emissoras implantem o sistema digital é 2016, com nova data em negociação para 2018. Para os jornalistas de televisão de grandes e pequenas emissoras, surgem diversos questionamentos sobre o que deve mudar na rotina de trabalho e quais as novas possibilidades proporcionadas pelo digital. Este artigo representa o início de uma pesquisa em nível de mestrado que pretende acompanhar as transformações no processo de produção de notícias com a implantação da TV Digital. O objeto de estudo é a TV Paraíba, na cidade de Campina Grande, estado da Paraíba, onde os jornalistas estão vivendo a transição do analógico para o digital numa realidade regional.

Palavras-chave: telejornalismo; produção de conteúdo; TV Digital; sistema analógico.

Introdução

Avanços. É o que promete o sistema digital de televisão. Se num bom e velho aparelho analógico já estamos acostumados com chuviscos, diversas falhas de imagem e de áudio, a TV Digital eleva significativamente a qualidade técnica, a começar pela imagem que no novo sistema é muito mais “viva” e cheia de detalhes. “Digitalmente, a imagem é muito mais imune a interferência e ruídos, ficando livre dos 'chuviscos' e 'fantasmas' tão comuns na TV analógica” (MONTEZ; BECKER, 2005, p. 39).

¹ Trabalho apresentado no DT 1 - Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Jornalismo - PPPJ/ UFPB, email: luciellenlima@hotmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGC/UFPB e integrante do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas - GMID/ PPGC/ UFPB , e-mail: anasousajornalista@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo - PPI/ UFPB, email: sandroca95@hotmail.com



Para Montez e Becker (2005) a TV Digital não representa apenas uma convergência das ferramentas da internet com as da TV. É uma nova mídia que engloba características de ambas. Com o sinal mais compactado, o novo sistema permite a transmissão simultânea de vários canais. Além disso o usuário pode gravar a programação para assistir quando quiser, e ainda baixar fotos, vídeos e outros arquivos, utilizar jogos, comprar produtos, tudo isso em um único aparelho. Melo (2010) enfatiza a possibilidade do público poder assistir à programação da TV Digital de qualquer lugar, pois as tecnologias de ponta além de melhorarem o sinal que chega nos domicílios, viabilizam novos suportes para a recepção dos programas, como aparelhos portáteis e celular.

Diante de tantas mudanças está a interatividade. Esta entendida como “uma atividade mútua e simultânea da parte dos dois participantes, normalmente trabalhando em direção de um mesmo objetivo” (MONTEZ; BECKER, 2005, p. 50). De acordo com Bistane e Bacellar (2005, p. 117), essa nova tecnologia deve levar “para as emissoras a mesma interatividade que experimentamos quando nos conectamos à rede mundial de computadores - com diálogos e comentários em tempo real”. Silva (2009) ressalta que no caso da TV os telespectadores fazem parte de um público que até então era considerado apenas receptor do conteúdo e com a TV Digital passa a poder produzir informação. Carvalho Jr. (2009, p. 9) chama esse processo de digitalização da cultura, que “somada à corrida global para conectar todos a tudo, o tempo todo, torna o fato histórico das redes abertas algo demasiadamente importante, o que demanda uma reflexão específica”.

É em busca dessas e de outras vantagens que o Brasil hoje está na corrida para transformar a TV digital em realidade. Depois de vários adiamentos, agora o governo quer a implantação total do novo sistema no país até 2016, prazo para que todas as emissoras se integrem ao sistema digital, pois haverá o desligamento do sinal analógico no país. Porém, uma nova data para 2018 está em negociação. “As discussões em torno do assunto TV digital começaram no Brasil em 1994. Desde então se têm debatido vários aspectos tecnológicos, porém nunca se aprofundou a questão do conteúdo” (MONTEZ; BECKER, 2005, p. 132). Brasil (2002, p. 357) compartilha dessa mesma ideia ao afirmar que “o conteúdo dessa nova TV e a participação mais efetiva do público parecem ser assuntos secundários em mais uma das nossas grandes aventuras tecnológicas”.



Tavares (2012, p. 41) ressalta a importância dessa reflexão tendo em vista que os aparelhos de TV estão em 95,1% dos domicílios brasileiros, segundo o censo 2010, do IBGE, sendo a mídia de maior penetração no país. Nesse mesmo contexto Rezende (2000, p. 23) diz que a TV “desfruta de um prestígio tão considerável que assume a condição de única via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população”. Para Tavares (2012, p. 41), a continuidade da supremacia da televisão nos ambientes familiares “vai depender exatamente da adoção de estratégias de integração da TV com os novos dispositivos tecnológicos”.

Dessa forma os produtores de conteúdo continuam com várias incógnitas. Acostumados com o sistema analógico, a curto prazo todos vão estar diante do digital. Os jornalistas de televisão estão incluídos nesse contexto junto com um processo próprio de produção de notícia.

O processo de produção da notícia é extremamente complexo e envolve desde a captação, elaboração/redação/edição, até uma audiência interativa. Envolve momentos de contextualização e descontextualização dos fatos. É resultado da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens, da enunciação jornalística e das práticas jornalísticas (PEREIRA JR; CORREIA, 2008, p. 13).

Em meio a essa complexa rotina a grande gama de jornalistas que ainda trabalham com o analógico dispõem de pouco tempo para vislumbrar ou planejar como será o futuro - próximo - diante do sistema completamente digital. E mesmo os que já trabalham com o digital, devido à instalação recente da nova tecnologia, ainda estão em processo de moldar o cotidiano da profissão com o novo sistema. Várias emissoras nacionais de TV aberta como a Globo e a Record já produzem e transmitem em formato digital. Mas outras não, sobretudo as menores. Nas emissoras regionais, que atuam com jornalismo local, nas diversas regiões do Brasil, com menos estrutura que empresas de atuação nacional, a passagem do analógico para o digital deve acontecer de maneira mais tardia devido às condições financeiras menos favoráveis. Dessa forma milhares de jornalistas estão na iminência de encarar no ritmo frenético das redações o sistema digital.



Produzir conteúdo jornalístico da melhor forma, aproveitando as ferramentas oferecidas pela TV Digital é o mais atual desafio dos jornalistas de televisão. O que muda na rotina da redação? Quais as novas possibilidades? Como adequar o processo de produção de notícias ao novo sistema no qual os telespectadores aos poucos vão utilizar - e exigir - a tão falada interatividade? Como aproveitar fatores técnicos para produzir melhores conteúdos?

Refletindo acerca desses questionamentos este artigo representa o início de uma pesquisa em nível de mestrado sobre como a implantação dos sistemas de produção e transmissão digitais influencia no processo de produção de notícias. Um projeto que pretende analisar a transição do analógico para o digital na TV Paraíba, afiliada da Rede Globo, na cidade de Campina Grande, estado da Paraíba.

Nesta mesma cidade, como profissionais de telejornalismo, temos experiência nas áreas de produção, edição, reportagem e apresentação. Agora entrando no universo da pesquisa acadêmica, pretendemos identificar as dificuldades encontradas pelos jornalistas da TV Paraíba na adaptação ao sistema digital; verificar as mudanças que vão ocorrer na rotina da produção, edição de texto, reportagem e apresentação dos telejornais com a chegada do sistema digital; e observar se na fase inicial, logo após a implantação do sistema digital, vão surgir ou não novas possibilidades de aproximação dos jornalistas com os telespectadores viabilizadas pelo sistema digital.

Para este artigo vamos nos deter a uma revisão bibliográfica, que representa leituras iniciais da pesquisa do mestrado e a exposição de ideias de autores que falam sobre o tema, leituras essas tão necessárias para alunos de comunicação, pesquisadores e profissionais de telejornalismo diante da transição do sistema analógico de TV para o digital. Apesar de o jornalismo ser uma atividade exaustivamente mental não se pode desconsiderar o lado técnico, pois o resultado do trabalho depende - e muito - dele.

Pensar Analógico e Pensar Digital

No processo de produção de notícias para TV a ação do pensar está em todas as etapas. No mínimo é preciso pensar no assunto da pauta, no foco, nas informações que devem estar na pauta e na matéria, nos lugares que a equipe de reportagem deve ir, na



passagem do repórter, nas pessoas que vão ser entrevistadas, em como essas falas vão ser encaixadas na matéria, no texto - off - que deve ser gravado pelo repórter, em que imagens vão cobrir esse texto, em que momento do telejornal a reportagem vai entrar, em como o apresentador vai chamar a matéria. É preciso pensar também em como todas as informações vão ser utilizadas, para que sejam passadas de forma clara e num curto espaço de tempo, como explica Bistane e Bacellar (2005, p. 13):

Tente contar em um ou dois minutos o que aconteceu em sete horas. Experimente resumir nesse curto espaço de tempo o que ouviu numa palestra, numa reunião ministerial, ou procure explicar a nova política industrial. Esse é o desafio diário do repórter de TV: relatar com precisão e síntese. Uma coisa é ouvir uma história; outra, é entender o suficiente para contá-la, transmitindo a relevância da informação de forma atraente e inteligível.

Entretanto, essa ação do pensar está vinculada às possibilidades viabilizadas pelos equipamentos. Um consenso em se tratando de jornalismo reforçado por Maciel (1995, p. 95) é que os constantes avanços tecnológicos têm revolucionado as rotinas dos jornalistas. O autor diz que “a penetração das tecnologias de ponta, principalmente a informática, tem possibilitado uma melhoria na qualidade da informação produzida e uma maior rapidez na divulgação das notícias”.

Num passado não muito distante as redações viviam num mundo ainda mais analógico. As máquinas de escrever povoavam as mesas dos jornalistas e faziam da datilografia a principal trilha sonora do cotidiano jornalístico. Fax e telefone fixo eram os principais instrumentos de comunicação da redação com o mundo externo. Nada de internet, nada de celular.

Ao longo do tempo o que se vê é que a cada descoberta tecnológica um novo leque de opções se abre, novas características são agregadas aos telejornais e muda a forma de produção de notícias. A transmissão em cores, por exemplo, fez o telespectador se apaixonar de vez pela telinha que passou a parecer mais real, porque

[...] ao reproduzir as imagens da mesma forma como são captadas pelo olhar humano - isto é, em cores -, instaurava-se um aspecto fundamental para a convenção da verossimilhança. Igualava-se a ideia de realidade com a verdade (BARBOSA; RIBEIRO, 2005, p. 215).

Já a utilização do teleprompter pelos apresentadores, que possibilita a leitura do texto sem desviar o olhar da câmera, conseguiu passar a ideia de intimidade com os



telespectadores. Barbosa e Ribeiro (2005) destacam que desde então, do outro lado da tela, tinha alguém que olhava “no olho” do público. “É olhando no olho do telespectador durante a leitura das notícias que o apresentador do telejornal conquista a atenção e a credibilidade para a notícia apresentada” (MACIEL, 1995, p. 16).

Depois da internet e do celular a facilidade para a obtenção de informações aumentou, só que a quantidade de informações veiculadas e a exigência pela instantaneidade da notícia também aumentaram. Essa busca pela instantaneidade da informação foi ainda influenciada pela possibilidade das entradas ao vivo. Dessa forma os avanços da tecnologia eletrônica foram modificando o perfil dos profissionais de telejornalismo. Os repórteres, por exemplo, tiveram que se acostumar com o improvisado. Logo precisaram se preparar mais para realizar uma cobertura.

[...] pois a qualquer momento podiam *entrar ao vivo*. Isso significa que tinham que 'contar' a matéria para o telespectador, de forma clara, precisa, correta, objetiva - sem ler, na base do improvisado e sem ter grande conhecimento no assunto, enquanto o cinegrafista mostrava as imagens relacionadas àquele acontecimento, no mesmo instante (PATERNOSTRO, 2006, p. 64).

Um formato ainda utilizado em algumas emissoras para a transmissão do sinal do link ao vivo é o micro-ondas, que de acordo com Maciel (1995, p. 97) depende de uma visualização da torre da emissora para o envio do sinal, o que impossibilita a operação em alguns locais porque “incapazes de superar obstáculos físicos, essas unidades acabam tornando impossível alguns tipos de entrada ao vivo, principalmente nas grandes cidades”. Nesse contexto, os avanços da tecnologia tem aumentado a mobilidade das entradas ao vivo. Já existem as antenas para a transmissão de sinais diretamente para satélites, o que permite “a transmissão de sinais de imagens e sons literalmente de qualquer lugar”.

No sistema analógico que temos hoje as imagens são registradas em fitas VHS, dessas que eram utilizadas nos videocassetes que já foram tão populares nas casas. Nas ilhas de edição analógica as fitas são usadas para a montagem e a finalização das matérias, um processo bem manual de recontextualização dos fatos.

É na edição do trabalho realizado pelos repórteres e cinegrafistas na cobertura dos eventos do dia a dia que as matérias são recontextualizadas. Ou seja, a notícia é elaborada de acordo com uma lógica estabelecida pelo formato, tempo, entre outras características do telejornal (PEREIRA JR., 2001, p. 89).



Mas, mesmo nas TVs com sistema analógico, é possível também fazer a edição de imagens no computador. Só que para passar as imagens feitas pelo cinegrafista da fita para o computador, o processo de captura dura o tempo exato das imagens gravadas. Ou seja, se o cinegrafista gravou 20 minutos de imagem na fita, então só o tempo da captura vai durar 20 minutos, para depois começar a montagem da matéria. Esse processo implica na perda de qualidade do material. Em compensação, a edição no computador permite incluir inúmeros efeitos de imagem e de som na matéria, além de viabilizar cortes mais precisos e um acabamento bem melhor. Só que para ser exibida, a matéria finalizada no computador precisa ser copiada numa fita, um processo que faz a imagem perder um pouco mais de qualidade. O tempo de cópia dura o mesmo tempo da matéria. Então, se ela tem 2 minutos, será necessário o mesmo tempo para passar para a fita. Há quem pense que 2 minutos são irrelevantes. Não quando se trata de telejornalismo. Cada processo atrasado pode ir modificando o telejornal, como no exemplo dado por Pereira Jr (2001, p. 103):

Uma matéria pode sair do primeiro bloco e ir para o terceiro porque está sendo feita na rua e pode chegar atrasada, o que teria problemas em colocá-la na abertura do telejornal porque o editor não teria tempo de editá-la.

Com a implantação da TV Digital os jornalistas vão ter que deixar de pensar analógico para pensar digital. É preciso abandonar hábitos já bem consolidados para desenvolver a criatividade e explorar as possibilidades de uma nova forma de fazer. Paternostro (2006, p. 64) enfatiza que agora é preciso que os profissionais de televisão partam para o desconhecido “é o momento da experimentação, dos erros e acertos, da busca de novos modelos e padrões”. Tavares (2012, p. 29) frisa que a implantação da TV Digital traz “demandas novas que podem abrir espaço para que a televisão brasileira apresente novas propostas de produtos que tragam o diferencial conteudístico”. É aí onde entra a discussão deste estudo que gira em torno da produção de conteúdo jornalístico para a nova mídia.

Segundo Silva (2009) para que todos os benefícios da TV Digital sejam incorporados, apenas adaptar não basta, é preciso novas maneiras de criar e rever toda uma estrutura, que agora está em constante transformação. Com a TV digital virão



novos estúdios, novas câmeras, novos videotapes, novos *switchers*, novos transmissores e até mesmo novas torres de transmissão por parte das emissoras [...]. Do lado de quem recebe a programação, o custo também será mais alto. Para se obter a imagem fiel do sistema digital somente com displays ou aparelhos de televisão próprios para o sistema digital. Ou seja, novos aparelhos (PATERNOSTRO, 2006, p. 63).

É uma realidade complexa que se descortina e que, na visão de Silva (2009), consiste na possibilidade de uma televisão digital terrestre com canal de retorno que viabilize além da convergência de telefone, televisão e Internet, ou tv a cabo e Internet em um só aparelho, a interatividade entre receptor, aparelho e programação.

Devido a essa junção, e às possíveis conseqüências políticas e culturais destes meios na sociedade, as produções comunicacionais que se adaptam a cada um dos meios citados, considerando linguagem, público e alcance, deverão repensar e discutir sua postura diante da tendência atual, a fim de trabalhar novas propostas de conteúdo para os novos meios tendo em vista os públicos atingidos por estes (SILVA, 2009, p. 7).

A fita, instrumento tão familiar entre os jornalistas de TV, aos poucos está sumindo das redações. Paternostro (2006, p. 65):

“a rotina da equipe de jornalismo de gravar uma fita, chegar na emissora, ir para a ilha de edição, decupar e editar, levar a fita para ser exibida se transforma. Se o videotape acabou com o filme, a era digital acaba com a fita”.

Com o fim da era das fitas o que deve mudar no processo de produção de notícias? Para passar as imagens digitais para o computador são utilizados cartões de memória, HDs ou outros dispositivos de armazenamento de imagens em formato digital, um processo que leva um tempo bem inferior ao tempo de imagens registradas pelo cinegrafista. Uma vez terminada a edição da matéria, no sistema digital não é necessário passar para a fita, apenas colocar o arquivo numa pasta que possa ser acessada no switcher, onde a matéria é colocada no ar, economizando ainda mais tempo, num ritmo televisivo que por si só já é rápido e nervoso. “A medida do trabalho é feita em segundos, a finalização da matéria não pode atrasar porque os telejornais seguem horários rigorosos e a reportagem tem de ficar pronta” (MACIEL, 1995, p. 70). Além



disso, com a edição sendo sempre feita no computador, todas as matérias saem mais bem acabadas e com mais facilidade para colocar efeitos de imagem e de som, abrindo um leque de possibilidades para repórteres e editores.

Maciel (1995, p. 15) diz ainda que a televisão é essencialmente imagem. Segundo o autor, “é pelo olhar que as pessoas seduzem e são seduzidas”. Marcondes Filho (1988) ressalta que o homem se comunica por imagens desde a Pré-História por meio de pinturas em pedras e objetos e, assim como hoje na televisão, uma imagem testemunha a mentalidade da época, do lugar e de seus valores. Se a passagem do preto e branco para cores trouxe para a TV uma impressão maior de realidade, a qualidade de imagem oferecida pela TV Digital devem aumentar o grau desse efeito, um artifício a mais para ser explorado pelos telejornalistas. Cores mais vivas e detalhes mais ressaltados podem tocar de forma mais enfática o público nesse processo de sedução pela imagem.

É uma relação quase mágica que o olhar estabelece entre o fato que é mostrado na tela da televisão e o telespectador que recebe a informação. [...] O ver da televisão é muito mais poderoso do que o contar dos outros veículos de comunicação. O telespectador pode duvidar do que lê num jornal ou do que ouve no rádio, mas dificilmente vai deixar de acreditar no que ele próprio viu (MACIEL, 1995, p. 16).

Com a TV Digital surge também o debate sobre a interatividade entre jornalistas e público. Uma promessa que demanda mais pesquisa. É certo que a televisão já tem buscado interagir com o telespectador por telefone, por e-mail e mais recentemente pelas redes sociais. Mas o que vem por aí vai bem além.

Para além da interação via redes sociais, que teria a potencialidade de gerar novos caminhos para a circulação dos relatos audiovisuais, jornalísticos, ainda há que se destacar a popularização das experiências e do acesso às tecnologias de gravação, produção e edição de imagens e sons. Na medida em que os telespectadores passam a não apenas ver a distância, como enunciado no prefixo tele, mas tornam-se capazes (ainda que potencialmente), de produzir informação audiovisual, usando dos formatos telejornalísticos inclusive para significar, torna-se ainda mais relevante discutir a relação entre os telejornais e seu público, entre o jornalismo audiovisual em diferentes suportes e sua apropriação, diálogo com a sociedade (COUTINHO, 2012, p. 26).



Considerações Finais

O pensar digital é uma realidade cada vez mais presente no mundo dos jornalistas. Mas é preciso lembrar que o progresso técnico não vem necessariamente acompanhado da melhoria na qualidade da informação. Maciel (1995, p. 96) diz que “além de saber que os recursos existem, o jornalista tem de saber como utilizá-los adequadamente porque dessa utilização correta vai depender a maior ou menor qualidade de seu trabalho”. E não é apenas a utilização correta, numa questão meramente de habilidade técnica. O perfil dos jornalistas precisa mudar. Não só de produtores e editores, mas também de apresentadores e repórteres.

O repórter, da mesma forma, também amplia a sua área de atuação. Em vez de trazer a fita e entregar ao editor, o repórter a cada dia é mais solicitado a se envolver com a edição do material que trouxe da rua. Assim, mesmo não sendo um técnico, o repórter precisa, cada vez mais, conhecer os equipamentos que usa no dia a dia para fazer um trabalho com mais qualidade (MACIEL, 1995, p. 29).

Maciel (1995, p. 87) ainda reforça a ideia de que ao se deparar com um novo recurso técnico, não é apenas o saber lidar com os equipamentos que vai garantir esse novo perfil dos profissionais, o jornalista precisa

ter talento, ser bem informado, ter agilidade, integração com a equipe [...] ele é parte no processo de fazer telejornalismo e que quanto maior for a integração dele em todas as partes do processo mais valorizado ele será.

É nesse universo que pretendemos nos aprofundar ao acompanhar a passagem do sistema analógico para o digital na TV Paraíba, durante a pesquisa do mestrado. Essa transição na emissora começou em 2012 e deve ser concluída em 2013, como afirmou o chefe de redação da TV Paraíba Carlos Siqueira (2013): “Campina Grande com certeza receberá a TV digital em 2013. A nossa pretensão é que seja ainda no primeiro semestre”. A emissora pretende ser pioneira no município na instalação dos sistemas de produção e transmissão digitais.

Campina Grande é uma cidade com quase 400 mil habitantes - Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - considerada um polo tecnológico devido à produção impulsionada pelas universidades instaladas no município. De acordo com Siqueira (2013), a TV Digital entra nesse cenário tecnológico sendo



aguardada com bastante expectativa tanto pela população quanto pelos profissionais que já estão fazendo parte dessa história. O momento atual é técnico. Os equipamentos estão sendo instalados à medida que são comprados. Boa parte está sendo importada do Japão, já que a empresa optou pela tecnologia dos orientais. Os jornalistas estão na iminência de encarar esse universo inicialmente extremamente técnico.

Todas essas operações ficam a cargo das equipes técnicas. Mas, mesmo não precisando conhecer a fundo os detalhes, editores, repórteres, produtores precisam saber quais os recursos e limitações que a tecnologia oferece (BISTANE; BACELLAR, p. 115).

Pereira Jr. (2001, p. 127) frisa que as instituições jornalísticas cumprem uma função relevante na construção da sociedade. O autor entende que revelar os modos de elaboração da sua matéria “é contribuir não só para a reflexão da atividade jornalística, mas para o próprio aperfeiçoamento democrático dessa sociedade”.

E assim, Melo (2010) ressalta que estamos imersos num processo de transformações do jornalismo e de toda a sociedade provocadas pelas mudanças tecnológicas. Por isso, segundo ele, a pesquisa acadêmica não poderá deixar de buscar entender essas transformações impulsionadas pela tecnologia.

Referências

BARBOSA, M.; RIBEIRO, A. P. G. Telejornalismo na Globo: vestígios, narrativas e temporalidade. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

BISTANE, L.; BACELLAR, L. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL, A. C. **Telejornalismo, Internet e Guerrilha tecnológica**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2002.

COUTINHO, I. Telejornalismo e Público: Sobre vínculos com o cidadão, convertido em audiência. In: PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (Orgs). **O Brasil (é)ditado**. Florianópolis: Insular, 2012.

PREIRA JR, A. E. V.; CORREIA, J. C. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo (Org). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis, Vozes, 2008.

CARVALHO JR, J. M. Por uma cultura digital participativa. In: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Orgs). **Cultura Digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009.



MACIEL, P. **Jornalismo de Televisão: normas práticas**. Porto Alegre: Sagra: DC: Luzzatto, 1995.

MARCONDES FILHO, C. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.

MELO, J. M. de. **Televisão Brasileira: Desenvolvimento, Globalização, Identidade**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MONTEZ, C.; BECKER, V. **TV digital interativa: conceitos, desafios e perspectivas**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2005.

PATERNOSTRO, V. Í. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. 2º ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PEREIRA JR., A. E. V. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

REZENDE, G. J. de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SILVA, U. V. M. da. **TV DIGITAL: novas tecnologias e padrões na produção de conteúdo**. Trabalho da disciplina TV Digital - Pós Graduação em Comunicação Digital, Educação e Mídias Interativas, do Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/2.5/br/><img

SIQUEIRA, C. J. M. de. Entrevista concedida para os fins desta pesquisa, como chefe de redação da TV Paraíba. Entrevistadora: Luciellen Souza Lima. Campina Grande, 07 jan. 2013.

TAVARES, O. TV Digital Universitária: A midiaticização pública do conhecimento. In: NICOLAU, Marcus (Org). **Midiaticização e Cotidiano**. João Pessoa: Ideia Editora, 2012.